A VERDADE;

EXPOSTA

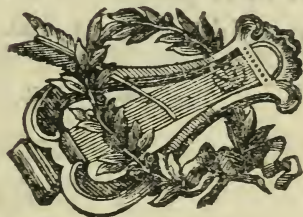
A SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

O SENHOR

D. JOÃO VI.

EPISTOLA.

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1820.

Com Licença da Commissão de Censura.

Vende-se este Folheto por 120 *réis nas lojas do costume* = *Na Rua dos Ourives do Ouro do lado direito* = *e esquerdo* = *Debaixo da Arcada do Senado* = *E da Guarda* = *No principio da Rua Augusta* = *Defronte da Rua de S. Francisco da Cidade* = *Defronte dos Paulistas* = *Em Belém na loja da Viuva de José Tiburcio* = *E no Porto na loja de Costa Payva, e Irmão. Nestas mesmas lojas se vende do mesmo Author* = O Prazer dos Luzitanos na Regeneração da Sua Patria.

Bons conselhos que se dão
Não se devem desprezar;
E ás vezes tão uteis são,
Que mil bens podem causar
Quando ouvidos se lhes dão.

Anonimo.

A VERDADE
EXPOSTA
A SUA MAGESTADE FIDELISSIMA.

EPISTOLA.

SE eu por minha longa idade,
Muito Alto Rei e Senhor,
Posso ter a liberdade,
Com zelo, respeito, e amor,
De vos mostrar a Verdade:

Não julgueis isto demencia:
Dai-me, benigna attenção;
Porque farei, com decencia,
Que não abuse a razão
Da Vossa Augusta Paciencia.

Teive, Miranda, e Ferreira,
E outros muitos Escriptores
Seguirão igual carreira:
A seus Reis, Altos Senhores
Brindavão desta maneira.

Eu querendo-os imitar,
As circunstancias me pedem
Deste arbitrio mão lançar;
Ellas por mim entrecedem,
Para o perdão alcançar.

Vós mui bem sabeis, e eu sei
Que hum Rei não he Rei sem Povo,
Que sem infringir a Lei,
Sem que seja caso novo,
Se queixa o Povo ao seu Rei.

Em Vós, Senhor, confiança
Tem eterna o Povo Luso;
O seu amor o affiança;
E de o conhecer tem uso
Toda a Casa de Bragança.

Os que nascem para Reis,
Tem sublime Dignidade:
E Vós mui bem conheceis
Quanta responsablidade
A todos impõem as Leis.

Inda que queira ser recto
Monarca ás virtudes dado,
Conheço que o seu Projecto
Hum Secretario de Estado
Lho póde mudar de aspecto.

Não póde dar premio justo,
Nem castigar o culpado,
Que não seja a muito custo:
Dos que o cercão enganado
Parece hum Monarca injusto.

Do que em Palacio se passa
Eu em dúvida não entro;
Pois sabemos, por desgraça,
Que os que vivem lá por dentro,
Nunca se empenhão de graça.

Licito agora me seja
Usar eu desta expressão,
Porque a verdade se veja:
Té o imperio da ambição
Tinha alicerces na Igreja.

Padre, que a bolça esgotava,
Beneficios acolhia,
Quatro, e cinco disfructava:
E a maior parte vivia
Só das Missas, que alcançava.

A pêzo de bom dinheiro
Pretenções se conseguião:
Quem mais dava era o primeiro:
Talvez o mesmo farião
Lá no Rio de Janeiro!

Pelo interesse damnado
Perdia a razão o trilho:
O merito abandonado:
Davão-se officios ao filho,
Só porque o pai fôra honrado.

Mui pouco, Senhor, convém
Que hum com quatro officios viva;
Que além de os não servir bem,
Delles a outro homem priva,
Que nem se quer hum só tem.

Vemos que huns alcanção tudo;
Outros não alcanção nada:
Quem tiver juizo agudo,
Bem póde dar na malhada,
Inda que o dinheiro he mudo.

Vendo hum Rei que hum seu valido,
Que muito pobre vivia,
Tinha em breve enriquecido,
Com semblante austero hum dia
Fez com que fosse inquirido.

Porque saber lhe convinha,
A' vista de hum tal recheio,
Sem ter de Condão varinha,
Onde alcançou, donde veio
Tanto cabedal que tinha.

Descobrio as avarias;
Dos ajustes os canais;
As occultas simonías!
Confiscou-lhe os cabedais
Para hospitais, e obras pias.

Não he de esperar, Senhor,
Que tenhais hum tal valido;
Mas quando algum assim fòr,
Seja logo demittido
Do Vosso Augusto Favor.

Deve haver muito cuidado
Em formar, de humildes, nobres;
Que hum destes, empoleirado,
He sanguisuga dos pobres,
He grande esponja do Estado.

Os Portuguezes estavão
N' hum theatro miserando!
Todos o Reino choravão!
Porque o vião expirando,
Já remedios lhe não davão.

Avareza, hypocrezia,
Egoismo, roubo, impostura,
Ambição, e tyrannia
Era a roda mal segura,
Que esta maquina movia.

Posto em fuga o Numerario,
Reinava o flagello, a fome;
Tudo nós era contrario:
Só tinha papeis, e o nome
O Vosso Real Erario.

Isto de Papel Moeda
Tem Decreto, que o regúla:
Mas bastante o Povo azeda
O não saber com que bulla
A razão da Lei se arreda.

O Decreto, que se fez,
De justos motivos parte:
Quem a fórma lhe desfez,
Recebe só huma parte,
Paga com duas, e trez.

O pedir era huma offensa:
Lá dentro era tudo arcanos,
Por desfarce da detença,
E só no fim de dez annos
Chegava hum anno de Tença.

O Povo desesperado
De não ser cada hum senhor
Do mesmo que lhe foi dado!
Vivia n' hum dissabor
Tudo comendo fiado.

Já de porta em porta andavão
Homens de Habito no peito,
Que a tal chegar não pensavão:
Perdendo ao pejo o respeito,
A pedir se abalançavão.

Rogando outra gente louca
Habitos de Avíz, ou Christo,
Tendo fortuna bem pouca!
De Cruz ao peito os hei visto
Fazendo cruzes na bôca.

Tambem, Senhor, não approvo
Darem-se as Tenças, que vemos;
Pois dizia todo o Povo:
Se não pagão as que temos,
Porque vem outras de novo?

Muita cousa ha que notar
Das que por nós tem passado:
Mas farei por me lembrar,
Sem ninguem ser apontado,
Das mais faceis de emendar.

Pela Justiça se via
Demasiado rigor,
Que zelo ser parecia;
Mas todo aquelle furor
A's mãos abertas cedia.

Porque os crimes se abafassem,
Prezentes, e outros favores
Era força se acceitassem:
E impunes os salteadores
Das cadêas se soltassem.

Erão réos seis, sete vezes
Estes, a quem se valia;
Já se tinhão por freguezes:
E sempre se protegia
Corja de tão boas rezes!

As Posturas do Senado
Soffrião diff'rente escolha;
Tudo era pervaricado;
Tinhão mil filhos da Folha,
E tambem muito enteado.

Para huns era o rigor,
Sem ter modificação;
Para outros o favor,
Ficando esta obrigação
Entregue ás mãos de hum primor.

Portas na Cidade havia:
Porém não se examinava
Quem entrava, ou quem sahia;
E Lisboa se entulhava
De quem se não conhecia.

Em mui boa opinião
Toda a gente tinha entrada,
Ou fosse honrado, ou ladrão;
Té a Rapariga achada
Morta dentro de hum caixão!

Eu não sei quem foi o omisso
Em descobrir o aggressor:
O cazo levou sumiço:
A scena foi de terror,
Mas ninguem soube mais disso.

Morreo esta desgraçada
A's mãos de genios malditos,
Sem ser no mundo vingada:
Sempre fez crescer delictos
Justiça mal praticada.

E que vos direi agora
Fallando de miudezas
Da Cidade, e lá de fóra?
Que, sem augmentar despezas,
Bem podião ter melhora!

Os letigios, que devião
Dentro de hum anno acabar,
Em dez se não decidião;
Té que á força de teimar,
Ambas as Partes morrião.

A mesma Real Fazenda,
Dobrando a escrituração,
Diminuia na renda;
Não era occulta a razão,
E não se lhe punha emenda!

Havia trinta empregados
No que dez homens farião,
A terem bons ordenados,
Que os dez mais uteis serião,
Do que esses trinta esfaimados.

Buscar-se boa conducta
Eu nisto aconselharei;
Que o remorço ás vezes luta
Tanto com quem faz a Lei,
Como com quem a executa.

Se estes poucos se escolhessem,
Que a probidade provassem,
E os officios se lhes dessem,
Era bom se castigassem,
Quando crimes commettessem.

Mas querer mil empregados
Com familia a sustentar,
Que sejão fieis, e honrados,
Tal virtude custa a achar
Com pequenos ordenados.

Esta idéa suscitada
Deve prevenir o mal,
Que faz gente desgraçada,
Em que a Fazenda Real
He a mais perjudicada.

Mas de outras cousas fallando;
Narrarei os desmazelos,
Com que andavamos lutando:
Vai muito de ouvir a vêllos:
Ao vivo os hirei pintando.

De enterros que se dirá?
Que devia levar corte
Luxo, que encommodos dá:
Entra n' huma casa a morte,
Leva aos vivos quanto ha.

O Defunto, homem de bem,
Inda que pobre vivesse,
Porque não mermure quem
A familia lhe conhece,
Hum luzido enterro tem.

Armação de ouro bordada,
De offerta grosso dinheiro,
Que indo em coche he duplicada;
Té o sórdido coveiro
Quer huma véla obrigada.

Mas nem todos os Pastores
Na ambição correm parelhas,
Por terem lucros maiores:
Alguns ha, que das ovelhas
Nunca forão tusquiadores.

Devião-se limitar
Luxos, que os enterros tem,
Só para não obrigar
Huma familia de bem
Ao que não póde gastar.

Estas cousas, que parecem
De pouca suppozição,
De huma refórma carecem;
E outras de igual condição,
Que em Portugal se conhecem.

Velhas mal morigeradas,
As virtudes pervertidas,
Raparigas estragadas,
Pelo mundo conhecidas,
Só da Justiça ignoradas!

Quem lhes dava a creação
Devia logo inquirir-se,
Sanando esta laxidão;
E de algum modo accudir-se
A tão grande perdição.

Quando a noite apparecia,
Vinha aquelle immundo enxame,
Que estava occulto de dia,
Causando a todos vexame,
Depois de haver Casa Pia!

Se as Fabricas se animassem,
Nova Pragmatica houvesse,
Talvez melhor se evitassem
Estes damnos, que parece
Que da ociosidade nascem!

As Fabricas trabalhando,
Occupão-se os Nacionaes,
Que estão no Reino pezando;
Cresce a Industria mais e mais,
Os dois sexos amparando.

Esses cobres perfumados,
Obra de invenção Franceza,
Esses filós, e bordados
De tanto luxo, e despeza,
Devião ser desterrados.

Os lavrados algodões,
Hum genero, que nos toca,
E vem com outras feições,
Só devião vir em troca
De laranjas, e limões.

Este o int'resse verdadeiro
Dar fazenda por fazenda,
Porque o Paquete Estrangeiro
Cobrava aqui, como renda,
Grandes sommas de dinheiro.

De lã, de linho, e algodão
Sahem cousas delicadas:
Tambem temos invenção;
Fabricas auxiliadas
Põem engenhosa a Nação.

As Classes de Arruamento
Estavão quasi a fechar-se,
E n' hum grande abatimento
Só fazião lamentar-se
No meio do seu tormento.

A todos causavão dó
Os honrados Mercadores,
Sacudindo á loja o pó
Devedores, e Credores
Os fazião fallar só.

A Classe dos Capelistas
Lá tapava mais a geira,
Porque o luxo co' as Modistas
Quinquilharia estrangeira
He que tinhão sempre em vistas.

Nas outras Classes, iguaes
Erão as perdas, que tinhão:
Com estes córtes fataes
Já muitos a quebrar vinhão,
Fazendo quebrar os mais.

O contagio, que se chora,
Já de mais longe nos vem;
Ninguem lhe dava melhora,
Sabendo-se muito bem
Que a peste vinha de fóra.

Erros, e males cohibia
Vossa Presença Real:
E da Vossa Vinda o dia
Esperava Portugal
Com desusada alegria.

Mas assim não succedeo:
Todo o Reino, em abandôno,
Vigor, e ordem perdeo;
Mas sempre acatando o Throno,
Que Affonso estabeleceo.

Trazei, Senhor, á lembrança
Os damnos, por que passamos
Desde o flagello da França;
Mas agora os descontamos
Com esta feliz mudança!

O pranto então foi geral:
Vós, Senhor, tambem choraveis,
Vendo o Vosso, e o nosso mal,
Que sem remedio deixaveis
Orfão todo o Portugal.

A's lagrimas mal resisto,
Se recordo por miudo
Em que horror nos temos visto!
Porém Deos, que rege tudo,
Quiz inda accudir a isto.

Mandou Santa Paz á terra,
Porque o Povo socegasse;
Agrilhoou crua guerra:
E destes auxilios nasce
O prazer, que Lysia encerra.

Portuenses inflammados
Derão o segundo grito
Dos nossos antepassados;
Porque os reja o que ha escrito
Desses antigos Reinados.

Para pôr a salvamento
A Patria, que estava em prigo,
Com heroico pensamento,
Dão-lhe forças, dão-lhe abrigo,
E consegue-se hum portento.

Lisboa o mesmo cobiça,
Por modificar seu damno;
E sem mostrar-se remissa,
Quer em Vós achar Sob'rano,
Na Constituição justiça.

Fundada a Constituição,
Demandão preceitos seus
A restricta execução:
Para o mundo, e para Deos
Quem responde he a Nação.

Neste passo, que foi dado,
Ficais venturoso Rei,
E do Povo respeitado,
Sanccionando só a Lei,
Que o bom senso tem dictado.

Ninguem Vos ha de enganar,
Que a Nação logo o conhece;
Nem hade hum particular,
Contra o público int'resse
As mãos a tudo deitar.

Os cargos, que forem dados,
Vendidos já mais serão,
Nem por empenho abarcados:
Só por justiça, e razão
He que hão de ser alcançados.

Chegando hum crime a provar-se,
Deve hum réo soffrer a pena,
Para aos máos exemplo dar-se:
A Lei he quem o condemna,
E elle não póde queixar-se.

A rectidão aquebranta
Do socêgo os inimigos,
Se a Justiça a voz levanta:
Dá premios, e dá castigos
Constituição pura, e santa.

Tambem veremos cessar
Hum certo abuso, que havia
Lá na vida Militar!
Quando mui bem se podia
Sem Estrangeiros passar!

Quem fez sentir mil revezes
A bravas Tropas Hespanas?
Quem venceo Mouros mil vezes?
Forão Tropas Lusitanas
Com Generaes Portuguezes.

He lastima que se chora
Entre os nossos Nacionaes,
Que o brio abate, e devora,
Ter Portugal Generaes,
Virem Generaes de fóra!

São deliberações fêas,
Erro, que sempre se fez:
Tiremos dos olhos têas:
Já foi algum Portuguez
Governar Tropas alhêas?

Não temos nós disciplina!
E a Tactica não se aprende!
Gente estranha he mais divina?
Quanto a guerra em si comprende,
Cá entre nós não se ensina?

A Tropa de Portugal
Não quer de rigor aggravos:
Quer-se por bem, não por mal:
Serem filhos, não escravos
He seu timbre natural.

Dias bemaventurados
Aquelles, em que se ouvirão
Nossos justissimos brados!
Em que todos repetirão
Os vivas de libertados.

A nossa Religião,
O Nome do nosso Augusto,
A firme Constituição,
A liberdade sem susto,
Eis as vozes da Razão.

Divinas vozes cantavão
Objectos tão preciosos,
Que os corações penetravão:
Em hymnos harmoniosos
Os genios desaffogavão.

Por primeira vez se vião
Duas oppostas paixões,
Que gemeas ser parecião:
O prazer nos corações,
Quando lagrimas nascião.

O que he chorar de alegria
Conhecerieis, Senhor,
Naquelle sem igual dia,
Se fosseis Expectador
Do prazer, que em nós se via.

Por muito amor, que Vos temos,
Vosso Nome eternizámos:
Vêde que não pervertemos,
Neste arbitrio, que tomámos,
O que jurar promettemos.

Sois Nosso Rei, Nosso Pai,
Tendes hum Filho Perfeito,
Que ás Vossas Virtudes sahe;
Seja o nosso rogo acceito:
Vinde, Senhor, ou Mandai.

Vós, ou quem de Vós procede,
E a santa Constituição,
Que este Reino em pezo pede,
Dará forças á Nação,
Que já da causa não cede.

Este Bem em nós se veja,
Que feliz hum Reino faz,
Do Diluvio a Pomba seja,
O Iris seja da Paz,
Que em Paz este Povo reja.

Perdoai, se fui extenso;
A razão a tudo obriga,
E de a ter eu me convenço;
Muito me apraz que se diga
Que he verdade quanto penso.

Vossa Virtude resôa
Pelos Póvos Lusitanos:
Deos, que este Reino abençôa,
Guarde feliz muitos annos
A Vossa Real Pessoa.

F I M.

Dialogo para os Curiosos neste

SONETO.

Portugal que tiveste? = *Infermidade*:
E que mal padecias? = *Mal de entranha*:
Não te accudirão? = *Sim, mas foi patranha*:
Quem he que te mantinha? = *A Caridade*:

E de comer que tal? = *Muita vontade*:
E soffrias secura? = *Era tamanha!...*
Tinhas febre? = *O havella não se estranha*:
E agora = *Soffro só debilidade*:

Do que te receitavão que presumes?
Que intentavão á vida dar-me corte,
Sem terem compaixão dos meus queixumes;

Mas minorou meu mal inda que forte;
E á força de dieta nos costumes,
Nova Constituição me salva á morte.